



GRANDES ARMAZENS PARIS N'AMERICA

F. DE CASTRO,

PARÁ

Caixa Postal N° 6

Telefone, 450

Endereço Teleg. "Castro"

Nesse fastígio, Belém reproduzira os esplendores da Belle Époque. Europeizara-se, não mais imitando Lisboa e Liverpool, depois de ter tido a tentação de imitar Veneza. Imitou a metrópole por excelência da época, a capital do século XIX, Paris. Na expressão deliciosa de Haroldo de Campos, a mim pessoalmente endereçada certa vez, Belém do Pará tornava-se Belém de Paris.

Belém de Paris também era a Paris de Belém. Em constantes viagens de uma para outra, os seringalistas¹ e os grandes fazendeiros, membros de prol da classe abastada, dominante, aproximaram e até confundiram as duas metrópoles. Famílias mandavam lavar a roupa em Londres ou encadernar livros em Paris, outras saíam diretamente da Ilha de Marajó para bordo dos paquetes que as

Paris n'América*

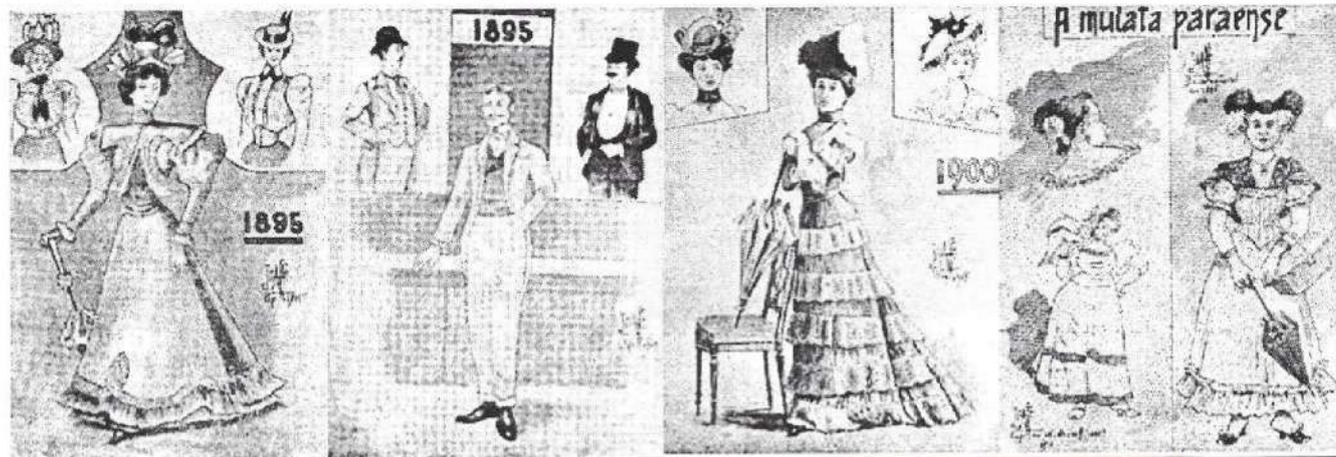
Benedito Nunes

Professor Emérito da Universidade Federal do Pará - UFPA

levavam à Europa; havia também as que passavam temporadas de um ou dois anos na Suíça ou na Bélgica. Era mais econômico, explicavam, mesmo levando a cozinheira e a babá dos filhos pequenos. Conta-se que senhora de uma dessas famílias, há muito na capital francesa, comentando em carta a uma amiga, a notícia dos inconvenientes namoros em Belém de certa moça conhecida de ambas, resumia o caso dizendo: "Em Paris não se fala em outra coisa!"

O Comendador Antônio José Pinho, um dos maiores exportadores de borracha, que teria, segundo consta da tradição oral, uma frota própria de navios e agentes em Liverpool, para comunicar-lhe o estado dos estoques dessa matéria-prima, premiou uma das filhas com viagem à capital francesa especialmente para

Ilustrações, pelo próprio autor, do livro *Três Séculos de Moda*, de João Affonso Mendes





assistir ao vôo de Santos Dumont na Demoiselle, em torno da Torre Eiffel. Um dos filhos, a quem dera bolsa de estudo na Cidade das Luzes, freqüentou com demasiado afincio as noitadas do Moulin Rouge original, desdenhando o sucedâneo do mesmo nome que por aqui funcionava. Morreria numa delas. E ao inaugurar, em 1897, o seu palacete de três alas, todas externamente revestidas de azulejos portugueses importados, com capela e vista para o rio Guamá da parte posterior do prédio, perto da qual aportavam as suas embarcações, o Comendador deu elegante festa, os convidados todos honrando as últimas modas parisienses e londrinas, especialmente encomendadas para a ocasião.² A moda estrangeira, que a importação nos trazia, tornar-se-ia tema de estudo no curioso livro de João Affonso, *Três séculos de moda*, com desenhos do autor, publicado em 1916, no tricentenário da cidade, e que reservava os parágrafos finais à descrição dos trajés da gente do povo, mulatas e pretas.³ Vendiam-se nas farmácias remédios de nomes franceses ou que vinham da França: drágeas de Gélineau, pílulas do dr. Déhaut, elixir depurativo Des Oiseaux, água de Boyer, etc, etc.⁴

Essa transposição parisiense da metrópole nortista teria enraizado no belemense desta época a *luteciomania*⁵, termo tantas vezes usado em conversa por Mário Faustino, nos idos de 1950: a obsessiva ofuscação pela capital do século XIX, como seu modelo achado e depois perdido, sonho de um passado esplendoroso, que lhe forrou a memória coletiva, condicionando-lhe a expectativa do futuro, e que foi, também, um sonho utópico ou uma utopia sonhada.

* Palestra constituída de partes do ensaio *Pará capital Belém* e proferida no IV Fórum Paraense de Letras Unama, 1998.

¹ Nomeado o dono do seringal, a palavra seringalista, tardiamente introduzida no vocabulário amazônico, nobilitou o termo seringueiro, o único ainda empregado por Euclides da Cunha, e que designa agora o trabalhador braçal. Vide Machado Coelho, *Seringalista, Palavra Nova*.

² BASSALO, Célia, *O "Art Nouveau" em Belém*. Grafisa, Belém, 1984. (Ilustrado).

³ MENDES, João Affonso. *Três séculos de moda*. Grafisa, Belém, 1976.

⁴ CASTRO, Fábio. *A cidade sebastiana* (Dissertação de mestrado, defendida na UNB, ainda não publicada)

⁵ Luteciomania. De Lutecia, nome de Paris na época do Império Romano, usado desde o tempo em que por lá andou Julliano, o Apóstata, sobrinho de Constantino.